

RESSIGNIFICANDO PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DURANTE O ERE

Jennifer Sthefani Gonçalves Cardoso

Priscilla Vida da Costa

RESUMO: Os desafios que a Educação Básica e Superior no país enfrentam há décadas são muitos. Entretanto, o novo contexto social gerado pela pandemia do novo coronavírus obrigou a quebra de paradigmas, sendo um deles a modalidade de ensino presencial para o remoto (ERE). No Ensino Superior, ocorreram mudanças e ajustes em regulamentos de Estágios Supervisionados Obrigatórios (ESO), o que trouxe angústia à comunidade acadêmica, mas que também contribuiu para novas possibilidades exigindo estudo, esforço, criatividade e ousadia. Na licenciatura de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina, no ano letivo de 2021, a Coordenação de Estágio viu-se obrigada a abrir nova possibilidade de realização das horas do ESO, para que a experiência em sala de aula fosse a mais completa possível, permitindo que atividades extensionistas pudessem ser desenvolvidas por estagiários do 4º ano a alunos do 1º ano do curso. O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir sobre as contribuições e o impacto das atividades extensionistas na formação inicial.

PALAVRAS- CHAVE: ensino remoto; atividade extensionista; formação inicial.

1. Introdução

Desde os primórdios da humanidade, o ensino tem como base a relação entre o professor e o aluno marcado pela troca de experiências e conhecimentos presenciais, como estar em um mesmo ambiente proporcionando reações e questionamentos que são observados e entendidos por uma perspectiva indireta, pois estão frente a frente física e materialmente. Estar em uma sala de aula é comum para todos, frequentar a escola, construir relações interpessoais, interagir com o outro são atividades que desde sempre fazem parte do nosso cotidiano e, de certa forma, é da natureza humana o contato com outros seres. Mas, e quando um vírus nos força a mudar completamente o que era considerado “natural” para os humanos? É a partir desse questionamento que surge a necessidade de adaptação e transformação.

Diante da nova realidade marcada pelo distanciamento social, as instituições de ensino precisaram adaptar a forma de transmitir o conteúdo e ministrar as aulas. Com isso, planos de aula foram reformulados, plataformas digitais foram inseridas no cotidiano da escola, currículos escolares passaram por adequações e a rotina dos profissionais e alunos foi completamente

alterada, transformando o molde habitual de ensino que ainda mantém-se sem perspectiva de retorno. As transformações e adequações fizeram os profissionais reinventarem-se, buscarem novos métodos e aprenderem novas formas de ensinar. Consequentemente, a nova realidade trouxe consigo desgaste com a rotina recém alterada e a apreensão por estarem lidando com o, até então, desconhecido. Porém, trouxe benefícios e oportunidades.

Para o presente artigo, a metodologia utilizada baseia-se em pesquisa bibliográfica de estudiosos e pesquisadores da área. Para complementar o trabalho, foi desenvolvido um questionário com perguntas discursivas sobre a experiência dos estagiários em sala de aula via remota para alunos do primeiro ano de graduação em Letras Português da Universidade Estadual de Londrina (UEL), compondo assim, o quadro metodológico com pesquisa qualitativa.

2. Atividades extensionistas e formação inicial

As atividades extensionistas ocupam lugar fundamental na formação inicial dos professores, sendo regulamentada perante o legislativo pela Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) que aborda, dentre as diversas finalidades, a finalidade do ensino superior em promover atividades de extensão:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade: (...) VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (BRASIL, 1996)

Ao aprofundar a pesquisa em atividades extensionistas, é possível visualizar a importância de realizar estágios e atividades com o apoio da comunidade fora da universidade, ampliando o público alvo para além do ambiente acadêmico. Com a realidade atual no contexto da pandemia do coronavírus, as atividades extensionistas foram repensadas e mantidas para o âmbito acadêmico. O que não impede que o estudo em atividades extensionistas seja citado, uma vez que foi a partir das atividades de extensão que o minicurso ministrado pelos formando de Letras Português da UEL foi produzido.

A educação necessita da comunicação. De acordo com Paulo Freire (1983, p. 46), o ensinar não é apenas uma transmissão de conteúdo, mas sim um saber compartilhado, com

diálogo e principalmente com a busca pela significação do que é exposto em sala de aula. Ao pensarmos em um minicurso, era necessário ter o professor e o aluno, para que ocorresse a troca de experiências e “um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1983, p. 46).

No que diz respeito à formação inicial, pensar em um minicurso com alunos da graduação foi fundamental para o treinamento em sala de aula. A ressignificação das práticas do ESO foi crucial para que não houvesse perda da experiência na formação de futuros professores. Participar de atividades extensionistas na formação inicial é importante para elevar a cidadania e também para o desenvolvimento do âmbito profissional:

A participação em atividades extensionistas permite aos estudantes, por um lado, aumentar seu engajamento social e desenvolver cidadania e, por outro, qualificar-se profissionalmente, tendo, na interação com a sociedade, fonte de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, sentindo-se, dessa forma, mais seguros para o exercício profissional após a diplomação. (COELHO, 2015, p 16)

Segundo Coelho (2015, p. 13), a atividade extensionista concentra-se em “atividades que a comunidade universitária realiza com a comunidade externa” e, como foi exposto neste artigo, com o fechamento das escolas públicas em função da pandemia do novo coronavírus, as práticas do ESO foram ressignificadas. Para que os estagiários do quarto ano de Letras Português da UEL não fossem prejudicados por não cumprirem as horas obrigatórias de estágio, as atividades práticas foram elaboradas de acordo com o suporte teórico das atividades extensionistas e a sua importância para a formação inicial do professor. De acordo com o documento disponibilizado pelo Ministério Público do Paraná, a nota técnica da organização Todos Pela Educação (2020, p. 13) defende que “o trabalho dos professores tem papel significativo no sentido de assegurar uma boa experiência”, principalmente para as aulas no contexto pandêmico no qual houve “a repentina necessidade de adaptação ao ensino remoto (...) para trabalhar com recursos tecnológicos” (TPE, 2020, p. 13). Portanto, o estágio supervisionado remoto foi de extrema importância para os professores em formação, promovendo o primeiro contato com as plataformas digitais no ensino e visando a superação dos desafios encontrados com o distanciamento social.

Sendo a atividade de extensão um instrumento de ligação do meio social externo ao acadêmico, o minicurso de morfossintaxe foi considerado uma forma de estágio obrigatório, visto que as experiências são de suma importância para a formação inicial, mas não foi encaixado em uma atividade extensionista por não possuir vínculo com a comunidade fora da universidade e também por não proporcionar, neste caso específico, uma intervenção com o meio social.

3. Minicurso de morfossintaxe e a dificuldade dos alunos iniciantes

Ministrar aulas para o primeiro ano do curso de Letras proporcionou uma grande aprendizagem e realização tanto para os estagiários quanto para os alunos ingressantes na universidade. Para tanto, pesquisas bibliográficas de estudiosos e pesquisadores da área foram estudadas para fomentar e sustentar o argumento de que tanto o aluno quanto o professor são aprendizes neste cenário pandêmico. De acordo com Sírio Possenti (2011, p. 33), a escola traça seus objetivos a partir do ensino do português padrão e cria situações para que ele seja aprendido. Desde os primeiros anos escolares, a norma padrão torna-se um pesadelo para as crianças que provêm do ambiente familiar com outra variante do português, a norma popular. Segundo Possenti (2011, p. 34) “todos sabem falar. A escola não ensina língua materna a nenhum aluno. Ela recebe alunos que já falam” e, portanto, este foi o pontapé que iniciou a oficina de morfossintaxe da UEL, a qual tratou sobre a dificuldade que o aluno encontra nas aulas de gramática no ensino fundamental, médio e também no ensino superior. O objetivo do minicurso de morfossintaxe para os alunos do primeiro ano da graduação era justamente o de esclarecer as dúvidas dos estudantes e discutir assuntos que ainda não estavam esclarecidos para eles, mesmo estando em um curso superior de Letras Português. Em uma das discussões, foi levantada a hipótese de que a dificuldade para o aprendizado do português culto apoia-se no fato de o aluno já saber falar o português e ter conhecimento da língua, pois a diferença entre o saber prévio do aluno e o que a escola pretende que o aluno aprenda é relativamente pequena.

Em contrapartida, João Wanderley Geraldi (2011, p. 39) atribui a falha no aprendizado do português culto no baixo índice de utilização da língua. O baixo nível de desempenho linguístico oral e escrito é o principal responsável pela crise do sistema educacional brasileiro, como aborda o autor. O aluno não consegue expressar seu pensamento, prejudicando a

estruturação de seus argumentos e Geraldi (2011, p.39) comprova suas afirmações citando exemplos como: os resultados de redações do vestibular, baixo nível de leitura e o próprio vocabulário das gírias dos grupos jovens. O autor também ressalta que para essas deficiências do pensar crítico do aluno, o fracasso do ambiente escolar também é um fator determinante e que “é necessário reconhecer um fracasso da escola e, no interior desta, do ensino da língua portuguesa tal como vem sendo praticado na quase totalidade de nossas aulas” (GERALDI, 2011, p. 39), sendo um exemplo desse fracasso no ensino do português no interior do sistema educacional, trabalhar frases soltas para explicar os conceitos morfossintáticos. O ensino da gramática em língua portuguesa necessita adequar os conceitos teóricos com o cotidiano, ou seja, aproximar a teoria da prática para os alunos do ensino básico, inserindo não apenas frases avulsas mas contextualizando em textos estruturados.

A partir desta discussão acerca do ensino da gramática é que o minicurso de morfossintaxe foi pensado. Em virtude da pandemia, as aulas presenciais no ensino básico e no ensino superior ocorreram, então, de forma remota e foram observadas diferenças entre o estágio antes da ressignificação das práticas e após as mudanças perante a pandemia. A primeira diferença a ser citada é o novo perfil dos alunos que passaram de alunos do ensino médio da rede pública para alunos do ensino superior da universidade pública (especificamente a UEL), sendo a interação entre professor e aluno um segundo ponto a ser observado. No ensino presencial, a interação é instantânea, ambos conectam-se imediatamente e de maneira recíproca, já no ensino remoto a interação é mediada, ou seja, é necessário que haja um mediador para que a interação ocorra, ficando por conta das plataformas digitais. No minicurso de morfossintaxe da Universidade Estadual de Londrina, os encontros síncronos aconteciam via *Google Meet* e as atividades eram postadas no espaço de sala de aula do *Google Classroom*.

Sendo assim, o minicurso contou com conteúdo exclusivo sobre morfossintaxe. Aspectos sobre classes morfológicas, verbos, adjunto adnominal, crase e complemento nominal foram alguns dos temas estudados em sala. O material utilizado foi preparado e revisado pelos próprios estagiários, contendo a escolha dos exercícios trabalhados e a montagem dos *slides* utilizados. As aulas expositivas dialógicas contaram com a participação efetiva dos alunos.

4. Um olhar dos estagiários do quarto ano para as atividades extensionistas

Como objetivo geral, o presente artigo trata de analisar os impactos e as contribuições que as atividades extensionistas proporcionaram para a formação inicial na licenciatura de Língua Portuguesa da turma de 2020. Para isso, foi realizada revisão bibliográfica sobre atividades extensionistas e o dilema do estudo e aprendizado da morfossintaxe enfrentado pelos alunos de Letras Português. Para sustentar nossa pesquisa, foi aplicado um questionário estruturado com perguntas abertas aos estagiários do quarto ano que desenvolveram o minicurso sobre a experiência dos formandos no Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), via ensino remoto.

As perguntas foram as seguintes:

- | |
|---|
| 1. Como estagiário, quais foram os maiores desafios encontrados para ministrar as aulas para o primeiro ano da graduação? |
| 2. E quais foram as contribuições que a oficina proporcionou tanto no seu aprendizado como professor, quanto para os alunos, na sua opinião. |
| 3. Fazendo um balanço da sua experiência, o que se sobressaiu? Os benefícios ou os desafios? Por que? |

A primeira pergunta concentrou-se em analisar as principais dificuldades que os estagiários enfrentaram ao encarar o ESO de maneira remota e ministrar aulas para alunos do primeiro ano da graduação de Letras Português. Antes da pandemia que assolou o mundo, os estágios supervisionados eram concluídos presencialmente com alunos do ensino fundamental e médio. Das respostas adquiridas, uma das dificuldades foi essa mudança do público alvo e a reestruturação dos planos de aula para alunos de graduação, o que seria um desafio, visto que a bagagem do aluno que ingressa no curso superior é consideravelmente maior do que alunos do ensino médio. A preocupação ficou por conta da responsabilidade em administrar as aulas e possuir domínio do conteúdo. A dificuldade também fez-se presente na modalidade remota a qual estamos inseridos por consequência da pandemia. Para um dos estagiários, o maior desafio foi adaptar o ensinar por meio de reuniões *online*, não tendo o *feedback* instantâneo que é possível na modalidade presencial.

Já no que diz respeito às vantagens adquiridas com o minicurso de morfossintaxe, estão listados a possibilidade de aprendizagem, tanto do professor quanto do aluno, pois como foi demonstrado anteriormente, o ensino de gramática é permeado por dificuldades desde a escola até o ensino superior. O benefício ocorreu também para a adaptação a situações inesperadas que possam surgir ao longo do caminho, para ensinar a gramática sem isolar os conceitos do texto, ou seja, inserir a gramática em contextos além das frases soltas.

Na percepção dos estagiários, os desafios foram combustível para alcançarem um maior aproveitamento das aulas. De acordo com uma das respostas, só puderam existir benefícios a partir das dificuldades. Ao solucionarem os desafios, o sentimento de realização se sobressai, tornando-se aprendizados. Com a realização do minicurso também está incluso o domínio do conteúdo adquirido após ministrarem as aulas. O minicurso foi uma ferramenta importante para nós, futuros professores, aprendermos a fixar o conteúdo gramatical e nos adaptarmos aos diversos imprevistos que poderão surgir no caminho.

5. Considerações finais

A coordenação de estágio do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas e Clássicas, da Universidade Estadual de Londrina, viu-se obrigada a discutir novas possibilidades para realizar o Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) em tempos de pandemia. A meta era alcançar a completude da experiência em sala de aula, permitindo o desenvolvimento de minicurso de morfossintaxe pelos estagiários do quarto ano aos alunos do primeiro ano do curso de Letras Vernáculas. No contexto pandêmico, as transformações e adequações que ocorreram no cenário da regência fizeram os profissionais reinventarem-se buscando novos métodos para ensinar.

Em consequência disso, os profissionais viram-se desgastados e apreensivos por lidarem com uma nova realidade. Porém, os novos caminhos para a regência trouxeram também algo enriquecedor. Nos indagamos se o desenvolvimento das horas do estágio de regência, por meio do minicurso direcionado ao primeiro ano da graduação, contribuiu com a formação dos estagiários do quarto ano de Letras Potuguês a partir do minicurso de morfossintaxe executado pelos estagiários e nos estudos da importância das atividades extensionistas para a formação

inicial, consideramos que a resignificação das práticas de ensino no ESO durante o ensino remoto contribuiu com a nossa formação como professores.

Referências:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, DF, 1996.

COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. **Em Extensão**, v. 13, n. 2, p. 11-24, 11 fev. 2015.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley. ALMEIDA, Milton José de. [et al.] **O texto na sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley. ALMEIDA, Milton José de. [et al.] **O texto na sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

TPE. **Ensino a distância na educação básica frente à pandemia da COVID-19.** 2020. 19 p. Disponível em:

<https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/todos_pela_educacao/nota_tecnica_ensino_a_distancia_todospelaeducacao_covid19.pdf> Acesso em: 14 jun 2020.